

Muitos Caminhos levam a Deus?

Erwin Lutzer

Todas as vezes que me sento ao lado de alguém durante um vôo, a conversa quase sempre começa pela condição do tempo, passa pela religião e chega a Cristo. Há alguns anos, minha esposa e eu estávamos viajando juntos, quando notei que uma mulher na outra fileira de bancos estava usando uma cruz. Na esperança de começar uma conversa, eu disse:

— Obrigado por usar essa cruz. Nós realmente temos um Salvador maravilhoso, não é?

Ela revirou os olhos e disse:

— Bem, não enxergo a cruz como você. Dê uma olhada nisso.

Mostrou-me que debaixo da cruz havia uma estrela de Davi e, embaixo desta, uma pequena jóia que representava o deus hindu Om.

— Sou assistente social — ela disse. — Descobri que as pessoas encontram a Deus de várias maneiras. O cristianismo nada mais é que um dos caminhos que levam ao divino. Contou-me que preferia a espiritualidade à religião, a busca por experiências às crenças específicas. Acreditava em um Deus panteísta, uma força que não precisava ser temida. Conversas como essas reforçam minha crença de que a espiritualidade está florescendo, e junto com ela, a crença de que existem muitas maneiras de se chegar a Deus. Os credos saíram de moda e os sentimentos estão em alta. Escrevendo para a revista *Time*, o roteirista de cinema e produtor de Hollywood, Marty Kaplan disse:

“O que me levou à meditação foi sua aparente neutralidade religiosa. Você não precisa acreditar em nada; só precisa meditar. Eu estava preocupado com a condição de uma fé — que eu só poderia fingir — para poder colher seus benefícios, mas fiquei muito feliz ao descobrir que noventa por cento da meditação refere-se simplesmente à própria prática, ou seja, comparecer às sessões”.¹

As pessoas dizem que para sermos verdadeiramente espirituais, a crença não apenas é desnecessária, mas é até mesmo indesejável. Alguém já disse que “as pessoas estão muito ocupadas, procurando inventar maneiras pouco ortodoxas para chegar aonde estão indo”.

O cristianismo está sendo de tal forma redefinido que está cada vez mais difícil distingui-lo do budismo ou de outras idéias religiosas orientais. Hoje podemos ser espirituais sem Deus, sem “crenças”. E, com essa guinada para o panteísmo, também cresceu a intolerância para com o cristianismo histórico. No portão de entrada de uma universidade estadual americana pode-se ler a seguinte placa: “Tudo bem para você, se achar que está certo. Tudo mal para você, se achar que alguém está errado”. Na última década, o pecado foi definido como algo inexistente, mas se ainda existe algum pecado, este é pensar que uma outra pessoa está errada. Dizem que a verdade não é algo para ser descoberto, mas para ser construído, manufaturado tanto individualmente quanto

¹ Ambushed by spirituality, *Time*, 24/6/1996, p. 62.

por consenso. O sentimento de uma pessoa é mais importante, digamos, que as palavras de Jesus.

Nossa cultura pluralista rejeita abertamente a afirmação de que só se pode chegar a Deus através de um único caminho. Basta que os batistas do sul dos Estados Unidos peçam aos membros de suas igrejas para orar por seus amigos judeus, para que reconheçam a Cristo como o Messias, que prontamente surge uma tempestade de protestos. A unificação de todas as religiões parece um objetivo tão digno de ser alcançado que os que se opõem são vistos como arrogantes, fanáticos e, obviamente, intolerantes.

Quando eu estava na universidade, a elite intelectual considerava a crença em Deus uma coisa antiquada. Alunos e professores, de modo condescendente, referiam-se a essa crença como uma relíquia dos tempos mais simples e menos sofisticados. Contudo, o secularismo reinante daquela época deixou um vácuo na alma humana e, assim, nosso pêndulo cultural oscilou de volta à espiritualidade, embora esta baseie-se hoje na Nova Era.

Se o secularismo banuiu Deus dos céus, a espiritualidade encontrou Deus entre nós. Na verdade, de acordo com a atual linha de pensamento, Deus está em tudo o que nos cerca. O Criador não é mais sagrado, mas a criatura é. Ouvimos que o nosso eu é sagrado, que a terra é sagrada, que os animais são sagrados e assim por diante. Em seu livro *O seu eu sagrado*, o dr. Wayne W. Dyer descreve que deseja nos apresentar “essa brilhante luz celestial para que possamos conhecer as maravilhas de ter o nosso eu sagrado triunfando sobre as exigências do ego que, mais do que qualquer outra coisa, quer detê-lo”.² Tal pensamento atribui à criatura a glória que deveria ser reservada a Deus, como Paulo escreveu: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis” (Rm 1.22,23).

A espiritualidade contemporânea define Deus como o empregador que dá oportunidades iguais a todos, a fonte universal de energia, que está à espera para ser tocada por todos nós. O que acreditamos não é importante: o desafio é entendermos a nós mesmos à luz desse poder mais elevado que já está em nós. Se precisarmos de perdão, só é preciso concedê-lo a nós mesmos, pois quebramos os mandamentos de um Deus que não é pessoal. Não existe o Deus que se ofende, portanto, não existe o Deus a quem precisamos pedir perdão. *A moda é a auto-salvação por meio do autoconhecimento.*

Imagine sentir-se culpado e, ainda assim, envolver-se com uma religião que ensina que o bem e o mal não existem! Glenn Tinder, veterano da Segunda Guerra Mundial, relata como sua consciência foi profundamente abalada quando atirou em dois soldados japoneses durante a guerra. Estava equivocado, achando que estivessem armados. Aquele ato assombrou-o por muito tempo. Porém, ele fora criado nos pressupostos da Ciência Cristã, que tem muitas semelhanças com o movimento Nova Era. Para eles, o mal não existe, a doença é uma ilusão e o perdão divino é desnecessário. Antes de sua experiência na guerra, Tinder achava que Deus era “meramente quem havia criado um bom universo e que, depois, convenientemente, desapareceu, deixando a raça humana para que ‘conhecesse’ a verdade sobre este universo e que o usufruísse”. Contudo, à medida que pensava nos homens que havia matado, a palavra *assassinato* enraizou-se em sua mente. Sabia que havia cometido uma transgressão. “Agora, de forma inesperada, o Deus irado — ou pelo menos a lei divina implacável, ameaçadora e ofensiva — caía sobre mim. A Ciência Cristã não me deu nenhum tipo de ajuda: *ao*

² Trad. Ricardo A. ROSEMBUSCH, Rio de Janeiro: Record, 1997.

negar o mal, não tinha nada a dizer sobre o perdão".³ Por várias décadas, Tindler buscou a verdade e terminou abraçando a Cristo, que perdoou seu pecado e limpou sua consciência.

Os especialistas em aconselhamento confirmam que simplesmente dizer a nós mesmos que está tudo bem e que não precisamos do perdão de Deus, não vai calar nossos sufocantes sentimentos de culpa. Na medicina, pesquisadores há muito perceberam que as pessoas usam muita energia psíquica para neutralizar a consciência atormentada e a mente doentia, resultado da inegável suspeita de que nem tudo está bem dentro de nós.

O filósofo alemão Nietzsche enfrentou a implicação da descrença no Deus transcendente. Na verdade, afirmou que Deus estava morto, pois fora assassinado pela mão dos homens. Portanto, questionava:

Como é que nós, assassinos dos assassinos, poderemos consolar-nos? Aquele que era mais santo e poderoso de tudo que o mundo já teve, sangrou até a morte sob o ataque de nossas facas. Quem nos limpará deste sangue? Que água haverá que nos limpe? Que festivais de expiação, que jogos sagrados teremos de inventar? Não será demais para nós a grandeza deste efeito? Não será preciso que nos tornemos deuses simplesmente para parecermos dignos dele?⁴

Em um contexto moderno, essa declaração seria expressa do seguinte modo: "Nós redefinimos Deus, roubamos sua transcendência, sua personalidade e agora não existe mais ninguém para dizer que estamos perdoados!". Contudo, é de perdão que precisamos. Em seu livro *Maravilhosa graça*, Philip Yancey nos conta a história de uma prostituta que não tinha onde morar, estava doente e sem dinheiro. Aos soluços e em lágrimas, confessou que entregava sua filha de dois anos de idade para homens sexualmente pervertidos! Declarou que precisava fazer isso para sustentar o próprio vício, as drogas. Quando lhe perguntaram por que não fora a uma igreja para procurar ajuda, respondeu: "Por que eu iria a uma igreja? Eu já me sinto terrível o suficiente. Eles vão fazer que eu me sinta ainda pior".⁵

Será que é justo dizer que a igreja faria com que ela se "sentisse pior"? Talvez, durante algum tempo, mas só assim poderia se sentir muito melhor. Jesus diria que existe mais esperança para essa mulher do que para os que acham que não têm motivos para "sentirem-se pior". Os deuses da cultura *pop* têm pouco a dizer a essa pobre mulher, exceto que, talvez, devesse analisar melhor suas ações e tentar agir de outra maneira da próxima vez. Felizmente, o Deus das Escrituras faz mais do que isso: oferece o perdão, consciência tranqüila e o seu Espírito para habitar em nós. Essa é uma mulher que precisa mais do que apenas ouvir que seu eu interior é sagrado. Precisa mais do que um deus que "afirmará quem ela é". Ela necessita que o Deus transcendente diga: "Você está perdoada".

Nos parágrafos a seguir vamos falar sobre a severidade de Deus, sua santidade sem concessões, e até mesmo sobre sua ira. Mas depois falaremos da graça de Deus, da aceitação do vil pecador, que não o merece. A palavra *santidade* nos desperta para a consciência do pecado, mas Deus não nos deixa sozinhos nesse ponto. Ele nos levanta, nos limpa e nos dá o dom da justiça de que realmente precisamos. No final de tudo, vamos nos "sentir melhor" — *muito* melhor!

³ Birth of a troubled conscience, *Christianity Today*, 26/4/1999, p. 33.

⁴ Ap. Ravi ZACHARIAS, *Pode o homem viver sem Deus?*, trad. Odayr Olivetti, São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 43.

⁵ ed., trad. Yolanda M. Krievin, São Paulo: Vida, 2001, p. 9.

APROXIMANDO-SE DE DEUS

A Bíblia nos dá duas advertências. Primeiramente, adverte-nos contra a ação de refazermos Deus de acordo com nosso agrado. “Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.3), é o primeiro mandamento. As palavras estavam claramente esculpidas nas tábuas de pedra de Moisés quando os israelitas violaram esse mandamento, fazendo um deus, um bezerro de ouro. Conforme aprendemos no capítulo anterior, hoje em dia cometemos o pecado da idolatria ao criarmos deuses em nosso coração.

Porém — e isso é muito importante — não é suficiente abstermo-nos dos ídolos que colocamos diante do verdadeiro Deus: precisamos nos aproximar dele da maneira correta. Até mesmo nas igrejas evangélicas ouvimos, muitas vezes, que não importa a maneira como nos achegamos a Deus, desde que o façamos. Mas algumas personagens bíblicas aprenderam essa lição de outra forma.

Caim e Abel discordaram sobre a maneira de adorar a Deus. Abel trouxe o sacrifício dos primogênitos de seu rebanho; Caim foi mais criativo, achando que poderia chegar a Deus da maneira determinada por ele mesmo. Mas Deus não se importou com o custo que a oferta teve para Caim. Por não trazer a oferta correta foi rejeitado (Gn 4.5). O Novo Testamento fala dos que “seguiram o caminho de Caim” (Jd 1.11), ou seja, os que pensam que podem tornar-se dignos para comparecer à presença de Deus. Mas Caim aprendeu que os procedimentos são importantes.

Nadabe e Abiú, sobrinhos de Arão e de Moisés, eram consagrados a Deus — os seminaristas daquele tempo — e estavam em treinamento para assumir um “ministério de tempo integral”. Certo dia, ofereceram ao Senhor “fogo profano” e Deus respondeu à altura: “Então saiu fogo da presença do SENHOR e os consumiu. Morreram perante o SENHOR” (Lv 10.2).

Somos tentados a culpar a Deus por sua reação exagerada, pois esses jovens rapazes mereciam outra chance. Além do mais, eram os filhos de Arão, o sumo sacerdote. Claro que esperaríamos uma certa dose de tolerância nesse episódio. Contudo, logo ali, no altar de Deus, Nadabe e Abiú experimentaram o juízo imediato — sem julgamento e sem segunda chance.

Por que Deus fez isso? O próprio Deus explicou: “Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei” (Lv 10.3). Moisés pediu a dois homens que retirassem os corpos dos jovens e os levassem para ser enterrados. A narrativa nos diz que ainda estavam com suas túnicas. Moisés advertiu a Arão que seria melhor não criar caso sobre aquele incidente ou também morreria e que não deveria sair da Tenda do Encontro até que a calma fosse restabelecida.

Nem todas as coisas são sagradas, mas Deus é. O eu pessoal é importante, mas não é sagrado. A terra é importante, mas não é sagrada. O equívoco daqueles homens não foi o de se dirigir ao Deus errado, mas o de se aproximar do Deus certo da maneira errada. Achavam que podiam deixar o manual de instruções de lado, porém aprenderam da pior maneira possível que não dá certo fazer as coisas de qualquer jeito.

Se não nos aproximarmos de Deus da maneira correta, não há muitas coisas mais que possam ser importantes. É possível que não sejamos atingidos nesta vida (no próximo capítulo apresentarei a lista das razões para que isso não aconteça), mas, no final, experimentaremos o julgamento eterno. Pense na surpresa dos que esperavam ir para o céu, mas encontram-se do lado de fora dos portões celestiais!

Portanto, de que maneira devemos nos aproximar de Deus? A boa notícia é que o importante não é a gravidade do nosso pecado, mas em vez disso, o valor da aproximação prescrita por Deus. Somos convidados a ir ao “Santo dos Santos”, mas não podemos ir sozinhos. Lembre-se que Deus não escolheu os atributos que possui. Sua santidade, sua justiça e seu poder são determinantes e Deus deve ser verdadeiro para consigo mesmo. Não ousamos incorrer no erro de enfatizar a compaixão de Deus e excluir sua justiça e sua santidade. Tampouco enfatizamos sua justiça e sua santidade sem equilibrar esses atributos com seu amor e sua misericórdia. A onipotência de Deus sem a misericórdia é algo apavorante; a santidade de Deus sem a graça leva ao desespero.

“Não se preocupe comigo, eu estou bem”, disse um homem durante um vôo. Já lhe explicara que precisava de um mediador entre ele e o Todo-Poderoso e que, se não fosse por meio do sacrifício correto, Deus o rejeitaria. Contudo, achava que estava muito bem porque adorava seu ídolo mental, um deus que lhe assegurava que tudo estava na mais perfeita harmonia. Podia apresentar-se com segurança diante do deus fabricado por ele. Jamais tendo sido confrontado pela santidade do Deus verdadeiro, ele e todos os outros pós-modernistas perderam a capacidade de abominar seu próprio pecado.

Por Deus ser santo, o pecado é uma afronta pessoal à sua beleza, à sua santidade e ao seu caráter. Se achamos que podemos nos aproximar dele diretamente, é porque não compreendemos nem a ele, nem a nós mesmos. Agostinho tinha razão quando disse que “quem entende a santidade de Deus desespera-se na tentativa de satisfazê-la”. Donald McCullough faz um comentário similar: “Uma pessoa pode colocar-se diante dos outros deuses com confiança, sem sentir-se ameaçada. Esses deuses não vão arrear o pé. Não vão sair dos lugares determinados pelo ego humano, que tenta, desesperadamente, manter o controle. Mas o Deus revelado em Jesus Cristo é santo e o Deus santo não pode ser contido ou domado. Esse tipo de Deus é ‘completamente diferente’”.⁶

SEGUINDO O PROTOCOLO

Ouvi dizer que antes de ter uma audiência com um rei ou com uma rainha, os visitantes recebem instruções antecipadas sobre como devem se portar. Seria realmente estranho se pudéssemos nos aproximar de Deus diretamente, sem pensarmos nem mesmo por um instante no infinito abismo que existe entre nós e sua santidade. Quanto mais distinto Deus for de nós, mais atenção devemos dar à maneira de nos aproximarmos dele.

Deus descreveu meticulosamente a maneira correta de entrarmos em sua presença. Vamos revisar um pouco as informações do Antigo Testamento. Naqueles tempos, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos uma vez por ano — no Dia da Expição. Você deve lembrar-se que o Santo dos Santos é uma pequena sala onde Deus se fazia presente. É verdade que Deus existe em todos os lugares, mas aquele era o lugar que escolheu para revelar sua glória sobre a terra. Quando o sacerdote se preparava para entrar naquele lugar santo, de acordo com o historiador Flávio Josefo, uma corda era atada ao seu tornozelo. Assim, caso não seguisse os procedimentos e Deus o atingisse, os outros sacerdotes poderiam puxá-lo sem que precisassem entrar naquela sala. Sim, é preciso seguir as normas.

⁶ *The trivialization of God*, p. 86.

Tive o privilégio de liderar excursões aos lugares da Reforma. Em pelo menos quatro situações coloquei-me atrás da mesa onde Martinho Lutero celebrou sua primeira missa, em Erfurt. Sempre menciono que, enquanto caminhava para lá, ele parou por um instante. Gotas de suor brotavam em sua testa. Ficou paralisado quando começou a dizer as palavras “oferecemos a ti, o vivo, verdadeiro e eterno Deus...”. Mais tarde, explicou:

Ao dizer estas palavras, fiquei totalmente estupefato e aterrorizado. Pensava comigo mesmo: “de que maneira devo me dirigir a tal majestade, sabendo que todos os homens tremem até mesmo na presença de um príncipe terreno? Quem sou eu para que possa levantar os olhos ou minhas mãos na direção da majestade divina? Os anjos o cercam. Diante do seu aceno de cabeça, a terra treme. Deveria eu, um ser tão miserável e insignificante, dizer coisas como ‘quero isso, peço por aquilo’? Pois sou pó e cinza, cheio de pecado, falando ao Deus vivo, eterno e verdadeiro”.⁷

Tais palavras soam estranhas ao ouvido moderno. Ouvimos pessoas brincar com o nome de Deus como se não houvesse nada a temer, nenhuma razão para se sentirem indignas. A audácia somente prova que os que são verdadeiramente cegos não podem apreciar a luz. Os que estão mortos não sentem o peso do pecado que reside em suas almas. Quando Moisés quis ver a glória de Deus, as palavras foram: “Ninguém poderá ver-me e continuar vivo”. Hoje em dia o homem moderno, cheio de confiança em si, entra na presença de Deus sem a mínima preocupação de que isso pode não ser uma boa idéia.

Por que precisamos seguir as regras? Primeiramente porque a distância moral entre nós e Deus é infinita. No que se refere à questão da pureza, Deus e o homem não têm nada em comum. Os serafins clamavam: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória” (Is 6.3). A santidade é o atributo mais característico de Deus. Já aprendemos que tudo o que está relacionado a ele é santo: seu amor é santo; sua ira é santa; sua justiça é santa.

Portanto, existe uma separação entre nós e a majestade e a grandeza de Deus. Seus propósitos estão muito acima dos nossos. Suas intenções são ocultas, a não ser que ele as revele a nós. Nossa primeira pergunta não é se ele concorda conosco, mas se chegamos a ele de acordo com sua vontade. Quem deve ser agradado é ele, não nós. Assim, como podemos nos aproximar dele? Segundo o sólido ensino da Bíblia, não podemos nos aproximar dele, se ele primeiramente não se chegar a nós. O Antigo Testamento prescreveu um ritual por meio do qual o homem deveria se aproximar de Deus. O propósito do ritual foi ensinar ao povo a santidade de Deus e a necessidade de se aproximar dele conforme sua vontade. No Novo Testamento vemos a chegada do Mediador.

UM MEDIADOR ACEITÁVEL

Toda entrada na presença de Deus é mediada, ou seja, precisamos de alguém que possa representar nossos interesses assim como os da parte ofendida que, nesse caso, é Deus. De modo similar, é praticamente impossível para o cidadão comum, sem nenhuma apresentação, ser ouvido pelo presidente do seu país. A pessoa precisa de alguém que conheça o presidente, alguém com “influência”, que possa estabelecer o contato. Deus, naturalmente, é o presidente do universo e nós ofendemos sua justiça.

⁷ Ronald BAINTON, *Here I stand*, New York: New American Library 1950, p. 30.

Nos tempos do Antigo Testamento os sacerdotes eram escolhidos para servir como mediadores, mas pelo fato de serem pecadores, seu trabalho era ineficiente para a absolvição definitiva do pecado. Tipificavam Cristo, o “que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), conforme as palavras de João Batista. Leia a passagem a seguir, tendo em mente o contraste entre os sacerdotes do Antigo Testamento e Cristo.

Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados. Mas quando este sacerdote [Cristo] acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. Daí em diante, ele está esperando até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés; porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados (Hb 10.11-14).

Muitos sacerdotes ofereciam sacrifício nos tempos do Antigo Testamento. Na verdade, trabalhavam em turnos. Cristo, porém, que vive para sempre, ofereceu *um* sacrifício *para sempre*. Os sacrifícios anteriores valiam apenas para os pecados já cometidos, por isso precisavam ser oferecidos novamente. Mas quando lemos sobre Cristo, aprendemos que “por meio de um único sacrifício, ele *aperfeiçoou para sempre* os que estão sendo santificados” (v. 14; grifo do autor). Os sacerdotes da ordem antiga não tinham permissão de sentar-se quando estivessem em seu turno. Mas Cristo se assentou à direita de Deus Pai porque sua obra foi concluída!

Quando Jó estava no calor da discussão com seus “amigos”, disse sem pensar que ansiava falar diretamente com Deus, não por meio da oração, mas em um diálogo face a face. Em desespero, clamou: “Ele não é homem como eu, para que eu lhe responda e nos enfrentemos em juízo. Se tão-somente houvesse alguém para servir de árbitro entre nós, para impor as mãos sobre nós dois, alguém que afastasse de mim a vara de Deus, para que o seu terror não mais me assustasse!” (Jó 9.32-4). Ah, um mediador!

Uma pessoa que estava visitando a igreja me disse: “Eu tento entrar em contato com Deus, mas não tenho certeza de que a ligação realmente se completa”. Pense em como seria maravilhoso se tivéssemos alguém que pudesse “completar a ligação” — alguém que fosse como nós, mas sem pecado; alguém que pudesse nos representar diante de Deus e representar Deus diante de nós. Os candidatos para o cargo precisavam ter os atributos de Deus, de modo que a distância moral e espiritual entre nós e Deus pudesse ser seguramente coberta. Somente Cristo tem essas qualificações de um sumo sacerdote como este que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus (Hb 7.26).

Cristo é como nós, plenamente homem, mas é também plenamente Deus. Na verdade, alguém já disse: “Um salvador que não fosse Deus seria como uma ponte quebrada na outra ponta”. Cristo não apenas nos representa no céu, mas, legalmente falando, já nos colocou ali: “Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.6). Podemos ter acesso a Deus somente quando caminhamos junto do Homem que tem direito de entrar em sua presença.

Talvez agora possamos entender por que não existem tantas maneiras para entrarmos na presença de Deus. Somente uma pessoa pode preencher os requisitos de mediador de Deus. Somente uma pessoa pode dar-nos a perfeição de que precisamos, para nos colocarmos confiantemente na presença do Todo-Poderoso: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6).

Sei que você já ouviu alguém dizer: “Não abandonei o cristianismo, mas apenas fui um pouco além dele na questão da espiritualidade”. Essa é uma “progressão” bastante popular hoje em dia. Porém, estritamente falando, você não consegue ir “além” do

cristianismo sem abandoná-lo. Todas as vezes que tenta acrescentar alguma coisa a ele, você está subtraindo algo. Os que abandonam a singularidade de Cristo, não estão simplesmente abandonando uma parte da mensagem do evangelho: estão abandonando-o por inteiro. A matemática, tal qual todas as verdades, lembra-nos que existe apenas uma maneira de estar certo, mas muitas maneiras de estar errado.

Se nossa fé está em Cristo, podemos ter certeza de que não haverá nenhuma complicação na fronteira, quando fizermos a jornada que nos leva da terra ao céu. Nosso representante já estará lá, sentado em nosso lugar, para nos fazer chegar seguramente.

Deus lida conosco por meio de Jesus Cristo. Permanecer na presença de Deus sem representação seria como ficar a apenas algumas centenas de metros do sol: a santidade de Deus nos consumiria. “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo.” (1Tm 2.5,6) Não podemos ter a ousadia de sequer pensar que é possível entrar sozinho na presença de Deus.

UM SACRIFÍCIO ACEITÁVEL

Por que é necessário haver um sacrifício para a expiação dos pecados? A justiça o exige. Nem mesmo um simples bilhete de ônibus pode ser concedido sem pagamento. Somos culpados por sérias infrações à lei de Deus. Na verdade, somos uma ofensa à sua santidade. Desse modo, não podemos entrar em sua presença, caso a ira de Deus não seja aplacada: “...por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hb 10.14). Na presença de Jesus, somos tanto culpados quanto aceitos; indignos e, ao mesmo tempo, honrados.

Existem alguns sacrifícios que Deus não aceitará. Um deles é o dom da *sinceridade*: algumas pessoas acham que Deus deveria aceitá-las simplesmente porque são francas. Outro sacrifício é o dom do *serviço*: as pessoas ficam relembando todas as boas ações que fizeram e acham que Deus lhes deve aceitação por causa dessa característica tão básica. Existe também o dom da *busca espiritual*. Muitos ainda trazem o dom da *culpa*: flagelam-se a si mesmos, acreditando que, caso sintam-se suficientemente tristes, pagarão por seus pecados e Deus os aceitará.

Martinho Lutero tem uma palavra para essas pessoas: “O que faz você achar que Deus se sentirá mais feliz com suas boas obras do que com seu Filho bendito?”. Sim, devemos trazer uma oferta como sacrifício a Deus, mas esse sacrifício não pode ter sido feito por nós mesmos, se quisermos ganhar a aprovação de Deus. *O sacrifício deve ser do próprio Deus, feito a nosso favor.*

O sacrifício deve ser equivalente à ofensa cometida. Pelo fato do nosso pecado ser contra o Deus infinito, precisamos de um sacrifício de valor infinito. Isso significa que somente Deus pode suprir o sacrifício que ele mesmo exige. Esse é o significado do evangelho: Deus satisfaz seus requisitos com relação a nós. Você conhece a história do acusado que foi trazido à presença de um juiz por ter excedido o limite de velocidade, mas que o próprio juiz desceu da sua cadeira e pagou a multa? Essa é a história do que Deus fez por nós.

A morte de Cristo na cruz reparou o irreparável: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus” (1Pe

3.18). Não existe pecado que não seja perdoado para os que se lançam na misericórdia do Deus revelado por meio da obra de Cristo.

A prostituta à qual me referi algumas páginas atrás, o estuprador que me escreveu da prisão, perguntando se ele também poderia ser perdoado — essas duas pessoas, juntamente com uma legião de outras pessoas, podem ser aceitas tão plenamente por Deus quanto qualquer outra pessoa. A razão é óbvia: uma vez que Deus prometeu receber todos os que confiassem em seu Filho, todos recebem o mesmo dom de justiça: todos se tornam membros da mesma família.

Augustus Toplady compreendeu bem essa verdade e a expressou através desta estrofe do hino *Rocha eterna*:

Nem trabalho, nem penar
pode o pecador salvar.
Só tu podes, bom Jesus,
dar-me vida, paz e luz.
Peço-te perdão, Senhor,
pois confio em teu amor. ⁸

Recentemente alguns membros da diretoria de nossa igreja estavam em um táxi, dizendo a um muçulmano por que ele deveria aceitar a Cristo não apenas como um profeta, mas como o único Salvador realmente qualificado para essa função. O homem disse: “Não, eu tenho que pagar pelo meu pecado. Não devo me embriagar, mas o faço. Não devo dormir com mulheres, mas também faço isso. Por isso, a justiça exige que eu sofra no inferno por meus pecados e, depois de pagar por eles, irei para o céu”.

Dissemos a ele que estávamos muito felizes por ele estar errado. Em primeiro lugar, não poderia pagar por seus pecados, mesmo no inferno. Os que não forem perdoados por Deus serão eternamente culpados. Em segundo lugar, a boa notícia é que Jesus já pagou a dívida para os que decidem crer nele. Com o devido respeito, Maomé não foi capaz de pagar tal dívida, assim como Krishna, Gandhi ou Zoroastro. Você não pode colocar Cristo na mesma prateleira desses outros grandes mestres. Somente no cristianismo descobrimos que o sacrifício e o mediador são a mesma pessoa. Com ele ao nosso lado, podemos nos aproximar de Deus.

UMA ATITUDE ACEITÁVEL

Leiamos com atenção este convite para estarmos na presença de Deus:

Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. Temos, pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada, e tendo os nossos corpos lavados com água pura (Hb 10.19-22).

Chegamos com o nosso mediador e com o nosso sacrifício. Com a certeza de que pertencemos a Deus e de que ele pertence a nós. Com o coração sincero, ou seja, de maneira autêntica e honesta. Abertamente, embora tenhamos muitas coisas que preferiríamos esconder. Plenamente conhecidos, completamente expostos, totalmente

⁸ *Hinário para o culto cristão*, hino 307, segunda estrofe.

compreendidos. Sem tentar melhorar a aparência do nosso pecado e da vida que vivemos.

Chegamos também com “plena convicção”, confiantes de que seremos recebidos. Cristo é plenamente aceito e, portanto, nós também somos. Nesse ponto damos as mãos aos outros pecadores: o religioso se une à prostituta; o sincero freqüentador de igreja encontra-se ao lado do assassino. Em vez de nos afastar de Deus, nossa culpa nos atrai a ele. Quanto mais claramente vimos nosso pecado, mais claramente devemos ver a maravilha do sacrifício e da intercessão de Cristo.

“Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes.” (Rm 5.1,2) Paulo quer dizer muito mais do que sobre a atenção de Deus quando chegamos a ele por meio de Cristo. A palavra *acesso* significa que somos levados diretamente ao refúgio da presença de Deus; entramos no Santo dos Santos.

Alguns anos atrás, fui a Washington com duas de minhas filhas para falar no retiro de uma igreja. Estava presente naquele acontecimento um membro do destacamento do serviço secreto do presidente Bush, que nos perguntou se gostaríamos de visitar o Salão Oval no dia seguinte, já que o presidente estava fora da cidade. Sentimo-nos honrados em aceitar o convite.

Na manhã seguinte, encontramos aquela pessoa em um dos portões da Casa Branca. Quando fomos parados na primeira guarita, uma de minhas filhas mostrou sua carteira para que o oficial pudesse inspecionar, mas este meneou a cabeça e disse: “Você está com ele”, apontando na direção do agente e continuou: “Pode entrar”.

Então, quando entramos na Casa Branca, encontramos outro agrupamento de guardas. Olharam para o agente, olharam para nós e disseram: “Vocês estão com ele. Podem entrar”. No corredor encontramos mais guardas. Mais uma vez olharam para o agente, olharam para nós e disseram: “Vocês estão com ele [...] Podem entrar”.

Nesse momento, estávamos nos aproximando do Salão Oval. Já dava para ver a porta aberta. Havia ainda mais um guarda à entrada. Olhando para o agente, também sinalizou para nós, como se estivesse dizendo: “Vocês estão com ele. Podem entrar”. Então, entramos no Salão Oval, embora não pudéssemos ir muito além da porta de entrada.

Agora, imagine que todos os crentes em Cristo morram no mesmo dia. Quando chegarmos do outro lado do portão chamado morte, Jesus vem até nós para nos indicar o lugar de nossa nação celestial. Passamos por uma legião de anjos, mantendo guarda no caminho da Nova Jerusalém. Olham para Cristo, olham para nós e dizem: “Vocês estão com ele. Podem entrar”.

Então, passamos por outro grupo de anjos e mais outro. Cada um desses grupos olha para Cristo, olha para nós e diz: “Vocês estão com ele. Podem entrar”.

Finalmente, chegamos perto da própria habitação de Deus. Aquilo que as Escrituras chamam “luz inacessível” (1Tm 6.16) ofusca nossa visão. Por um momento, temos uma espécie de *flashback*, lembrando-nos dos nossos pecados e fracassos. Entre nós, havia uma mulher que cometera abortos. A prostituta que mencionamos anteriormente estava conosco também. Adúlteros ao lado de homossexuais, ladrões juntos com os avaros. Todos esses foram redimidos e lavados pelo sangue de Cristo.

Entre os membros do grupo, também estavam os que não haviam cometido tais pecados, embora tenham lutado com pecados similares em suas mentes. O *flashback* é tão poderoso que cada um de nós protesta dizendo: “Não posso entrar! Não posso entrar!”.

Contudo, os anjos que estão ao lado do portão da habitação de Deus olham para Jesus, olham para nós e dizem: “Vocês estão com ele [...] Entrem!”. E assim acontece, com Cristo nos levando à presença do Deus Todo-Poderoso.

Jamais pense que há muitos caminhos que nos levam a Deus. Jesus é o único mediador qualificado, o único sacrifício qualificado e o único Salvador qualificado.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Se nossa confiança está em Cristo, compartilharemos seu triunfo no céu. A descrição a seguir é um poderoso lembrete de que existe apenas um homem no centro do universo, um único homem capaz de nos levar à presença de Deus. O Apocalipse de João registra o louvor oferecido a esse homem:

“Tu és digno de receber o livro
e de abrir os seus selos, pois foste morto,
e com teu sangue compraste para Deus
gente de toda tribo, língua, povo e nação.
Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus,
e eles reinarão sobre a terra”.

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz:

“Digno é o Cordeiro que foi morto
de receber poder, riqueza, sabedoria, força,
honra, glória e louvor!” (Ap 5.9-12).

Agradeçamos a ele por nos apresentar ao Pai e nos convidar a participar da mesa para termos comunhão com ele.

Fonte: 10 Mentiras Sobre Deus, Erwin Lutzer, Editora Vida, 2000.